

“Quem não é visto não é lembrado”: uma análise histórica do trabalho com o lixo no Brasil no tempo presente.¹

Helena Martins de Carvalho (Universidade de Brasília - UnB)

Resumo

O objetivo deste estudo é a análise das condições de trabalho dos coletores de lixo urbano no Distrito Federal, sob a perspectiva da história do tempo presente. Para tanto, inicialmente foi realizada revisão bibliográfica sobre a história dos conceitos referentes ao trabalho com o lixo no passado recente, em especial acerca dos verbetes utilizados desde o período da escravidão para denominar os indivíduos que exercem atividades de coleta do lixo doméstico. Em seguida, foi utilizado o método indutivo na pesquisa de campo realizada no Museu da Limpeza Urbana, no Sol Nascente-DF, a fim de estabelecer possíveis relações entre invisibilidade, esquecimento e marginalização social. Concluiu-se que a invisibilidade e o esquecimento configuram manifestações da negação da existência que se amparam em padrões sociais pré-reflexivos, definidos pelas classes dominantes e inconscientemente incorporados à hierarquia moral do trabalho, resultando na marginalização jurídica dos coletores de lixo. Verificou-se ainda a necessidade de ruptura com padrões linguísticos que reforçam e alimentam a situação de precarização do trabalho com o lixo, bem como a premência de substituição por terminologias adequadas e que respeitem a dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave

Coletor de lixo urbano no Distrito Federal. Precarização. História do tempo presente. História dos conceitos. Invisibilidade social. Esquecimento. Memória.

A precarização do trabalho com o lixo no Distrito Federal

A observação assistemática das atividades dos coletores² de lixo no Distrito Federal permite concluir que o serviço público de limpeza urbana é amparado na precarização das condições de trabalho, em um processo de exclusão social que não se

¹ VI Enadir - GT13. Memória: seus limites e possibilidades na intersecção da antropologia com o direito.

² Depreende-se das convenções coletivas firmadas no âmbito do Distrito Federal que o trabalhador cuja função é recolher o lixo de contêineres, depositando-os no compartimento traseiro do caminhão de lixo, é denominado “coletor”. A função encontra-se ainda na Classificação Brasileira de Ocupações, descrita como “*Agente de coleta de lixo, Coletor de lixo, Lixeiro*” (5142-05).

limita à esfera patrimonial, extrapolando a noção de miséria e de pobreza para englobar também a não realização de direitos de cidadania.

Ao longo do percurso entre os pontos de coleta, os coletores permanecem em pé sobre estribos localizados na traseira do caminhão, sustentando-se na força de suas próprias mãos. Os trabalhadores têm por único equipamento de segurança a alça suspensa na qual se dependuram, sujeitando-se às mais variadas vicissitudes do tráfego automatizado urbano, aos ruídos do compactador, à proximidade com o odor do lixo e às variações climáticas.³

Segundo informações obtidas a partir de entrevistas exploratórias, não são disponibilizados sanitários no percurso de coleta. A precarização das condições de trabalho é acentuada ainda pelo contato permanente com o lixo e, conseqüentemente, a aspiração do odor desagradável, a convivência com bichos e insetos, a sujeição a objetos cortantes, mal embalados e podres,⁴ bem como ao chorume, que pode ter um potencial de contaminação até duzentas vezes superior ao do esgoto doméstico.⁵

Além dos riscos biológicos, físicos e químicos, os trabalhadores submetem-se a riscos psicossociais como a invisibilidade e a administração do sentimento de nojo, assim como o estresse decorrente dos baixos salários, do trabalho fisicamente extenuante e do próprio convívio constante com o lixo, que pode refletir sobre a autoimagem e sobre os cuidados relacionados à higiene.⁶

³ CASTRO, Joicy Marina de; OLIVEIRA, Ana Paula Slovinski de; ZANDONADI, Francianne Baroni. *Avaliação dos Riscos Ocupacionais entre Trabalhadores da Coleta de Resíduos Sólidos Domiciliares da Cidade de Sinop – MT – um estudo de caso* Disponível em: <http://www.segurancaotrabalho.eng.br/artigos/ressol.pdf>. Acesso em 28/6/2018.

⁴ Fernando Braga da Costa, em *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social* (2004, p. 199-200), descreve com propriedade o trabalho dos coletores de lixo terceirizados na Universidade de São Paulo: “Existem aí algumas adversidades: nem todos os sacos de lixo encontram-se devidamente fechados, nem todos estão sem furos, a maioria deles está molhada; nem tudo que é lixo encontra-se acondicionado em sacos (há muita coisa em caixas de papelão ou esparramada, revirada); tudo cheira mal, fede demais, dói ao nariz; os olhos também sofrem: veem tudo aquilo, percebem insetos de todos os tipos e tamanhos, baratas, ratos, sujeira e restos de tudo o que se possa imaginar: comida, embalagens plásticas, latas, latinhas e latões, papéis, lixo de banheiro (como papel higiênico e absorventes femininos - todos usados, claro), peças de madeiras (...), utensílios de metal, parafusos, porcas, arruelas, coisas velhas em geral, objetos quebrados, (...) - tudo isso, muitas vezes, simplesmente jogado, atirado ao lixo sem cuidados preventivos. Luvas aparecem somente de vez em quando e, única e exclusivamente, no caso de haver risco de visita de alguma fiscalização externa: não é pela saúde do gari que as luvas passam a existir de repente. As botas acompanham a rotina das luvas. Dessa maneira, o contato da pele com o lixo torna-se inevitável; olhos e nariz, o corpo todo está continuamente exposto.” Consultar: COSTA, Fernando Braga da. *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

⁵ BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. *Lixo: um grave problema no mundo moderno*. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/secex_consumo/_arquivos/8%20-%20mcs_lixo.pdf Acesso em 28/6/2018.

⁶ FREITAS, Maria Vany de Oliveira. *Entre Ruas, Lembranças e Palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005, p. 175.

A análise dessas condições de trabalho provoca os seguintes questionamentos: *como um serviço tão essencial pode estar assentado em um trabalho tão precário? Como a violação de direitos de cidadania dos coletores pode passar despercebida, conquanto se trate de atividade prestada cotidianamente sob os nossos olhos?*

O que se verifica é que a proximidade da coletividade beneficiária do serviço de coleta de lixo com esses trabalhadores é apenas física. O estudo da forma como essa atividade é executada perpassa, invariavelmente, pela análise das formas de negação da existência daquelas pessoas que exercem funções relacionadas ao lixo.

Nesse sentido, este estudo tem por objetivo estabelecer possíveis diálogos entre a invisibilidade social, como negação da existência presente, e o esquecimento, como negação da existência passada, a partir da análise do trabalho dos coletores de lixo no Distrito Federal. Pretende-se ainda verificar as contribuições da história dos conceitos para a construção de uma história social da marginalização e do não reconhecimento do trabalho com o lixo.

De “tigres” a “lixeiros”: uma análise do trabalho com o lixo a partir da história dos conceitos no passado recente.

O passado pode ser positivamente utilizado como instrumento de construção da identidade do tempo presente, principalmente o passado recente, aquele que ainda não passou e cujos efeitos permanecem ativos.⁷ Nesse contexto, Hartog vale-se dos regimes de historicidade para verificar se e de que modo o presente contemporâneo difere dos presentes passados.⁸ A importância desse trabalho de evocação reside na presentificação do passado como objeto de inquirição, em um processo que visibiliza experiências pretéritas invisíveis.⁹

O entendimento preciso do mundo do trabalho perpassa, invariavelmente, pelo da análise da escravidão enquanto instituição que englobou todas as outras, desde o início da

⁷ JASMIN, Marcelo. “*Futuro(s) presente(s)*”, in NOVAES, Adauto (org.). *Mutações: o futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013, p. 389.

⁸ HARTOG, François. “*What is the Role of the Historian in an Increasingly Presentist World?*”, in HARLAFTIS, Gelina. KARAPIDAKIS, Nikos. SBONIAS, Kostas. VAIPOULOS, Vaios (ed.). *The New Ways of History – developments in historiography*. London and New York: Tauris Academic Studies, 2010, p. 240-241.

⁹ GUIMARÃES, Manoel Luíz Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*, in ABREU, Martha de. SOIHET, Rachel. GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 26-27.

colonização. A atual estratificação no trabalho representa a continuidade, com outra roupagem, da dinâmica escravista de superexploração do negro.¹⁰

Assim, considerando que a precária função de lidar com os resquícios da sobrevivência e reprodução é inerente à existência humana¹¹, tem-se que o passado recente do trabalho com o lixo no Brasil compreende o período da escravidão, cujos efeitos perduram até hoje, consciente ou inconscientemente.

Nesse estudo do passado recente a partir da experiência escravista, a história dos conceitos é uma importante chave de compreensão dos processos de invisibilidade social e marginalização jurídica a que são submetidos os coletores de lixo urbano no tempo presente. Koselleck destaca o papel fundamental da história dos conceitos na construção acurada de uma história social, salientando que a primeira induz questões estruturais que a segunda tem de responder.¹²

Desse modo, a fim de melhor assimilar as condições de trabalho dos coletores de lixo no Distrito Federal, faz-se necessária a análise do passado recente do trabalho com o lixo, à luz das alterações sociais e linguísticas ocorridas.

Um primeiro marco linguístico na análise da história material do trabalho com o lixo no Brasil é a catacrese do verbete “tigre”, visando à degradação de seu significado¹³:

tigre *s.m.* (sXIV cf. FichIVPM) (...) 6 B ant. barril para transporte e despejo de matérias fecais 7 escravo ou criado encarregado desse serviço.¹⁴

Durante a escravidão no Brasil, em decorrência da ausência de saneamento básico, dejetos eram parte significativa do lixo doméstico. Debret¹⁵, em sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, fornece uma narrativa testemunhal dos barris dentro dos quais esse lixo era transportado para descarte:

¹⁰ SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017, p. 40.

¹¹ Aristóteles já afirmava, em *A Política*, que a família “*para estar completa, deve compreender servos e indivíduos livres*”, e que “*a existência é uso, não é produção, aí está a solução pela qual o escravo apenas serve para facilitar o uso*”, bem como que “*(...) esses indivíduos são destinados, por natureza, à escravidão; pois, para eles, não há nada mais simples do que obedecer. (...) A utilidade que têm os escravos é quase a mesma dos animais domésticos: auxiliam-nos com sua força física em nossas diárias necessidades.*”

¹² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 116 e 118.

¹³ BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lucerna, 2009, posições 17289 e 17388. Arquivo kindle.

¹⁴ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2.716.

¹⁵ Em 1817, o pintor, desenhista e professor francês Jean-Baptiste Debret veio ao Brasil a fim de fundar a Academia Imperial de Belas Artes. Retornou à França em 1831, publicando entre 1834 e 1839 o livro *Viagem pitoresca ao Brasil*, no qual analisa aspectos da natureza e da vida social no país. A respeito do tema, vide a obra mencionada: DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, Volume II. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins, 1965.

O n.º 2, primeiro da linha, de barro cozido e de forma oblonga, tem mais o caráter indígena. É, em geral, de três palmos de altura, Suas funções vergonhosas fazem com que esteja sempre escondido num canto do jardim ou de pequeno páto contíguo à casa, colocado atrás de uma cerca de trepadeiras ou simplesmente escondido por duas ou três tábuas apoiadas ao muro. Nas casas mais ricas, ele se dissimula sob um assento de madeira móvel. E nesse esconderijo, agurada a hora da Ave Maria para, molemente balançando à cabeça do negro encarregado desse serviço, ser uma pequena tábua ou uma enorme folha de couve, tampa improvisada que se supõe suficiente para evitar o mau cheiro exalado durante o trajeto. Esse despejo infecta todas as noites, das 7 às 8 e meia, todas as ruas próximas do mar, nas quais se verifica uma enorme procissão de negros carregando esse triste fardo e que espalham num instante todos os transeuntes distraidamente colocados no caminho.

O velho barril de água termina sua carreira como o pote de que acabamos de falar, com maiores inconvenientes, porém, no transporte, inconvenientes que escandalizavam as modistas e as negociantes francesas da Rua do Ouvidor. Acontece com efeito que o peso enorme suportado pelo fundo velho do barril, o qual recebe com cada passo do carregador uma ligeira sacudidela, acaba desconjuntando as três ou quatro tábuas, já podres e sem elasticidade, que cedem, enfim, deixando escapar o conteúdo infecto que espirra de todos os lados. Mas não é tudo, nessa desagradável ocorrência as paredes do barril, ainda ligadas com aros de ferro, escorregam e encaixam o negro desde os ombros até os punhos. Assim, repentinamente, couraçado, descobrem-se somente a cabeça e as pernas do pobre escravo abobado com as novas cores de que se vê de repente coberto. Esta desventura constitui uma alegria para os companheiros e é assinalada por mil assobios agudos, gritos e palmas de todos que o cercam. Acordado de sua estupefação por esse barulho generalizado, o negro toma as disposições necessárias para sair do seu barril e recolher os pedaços esparsos. Após a manifestação de alegria, os outros partem correndo e o desgraçado, assim isolado, torna-se ponto de mira dos vizinhos que fechando o nariz, lançam contra ele seus próprios negros armados de utensílios que lhe são emprestados para recolher pouco a pouco os restos imundos disseminados pela calçada. Obrigam-no ainda, após esse trabalho penoso e longo, a jogar vários barris de água, a varrer e, não raro, a limpar com esponja as vitrinas da loja que seu fardo sujou. Com todas essas precauções, quase não basta a noite para que se evaporem completamente os miasmas, circunstância desagradável que priva as moças da loja atingida, das amáveis visitas que lhes encantam as noitadas; e a circunstância é tanto mais aflitiva quanto dá origem das chacotas e zombarias que circulam durante, pelo menos, oito dias em todas as outras lojas do Rio de Janeiro.

Terminado esse penoso trabalho, entre imprecações de todos, o infeliz carregador vai lavar-se na praia, bem como limpar as tábuas desconjuntadas de seu barril. Finalmente, após três horas de ausência, volta para a casa do seu amo, onde, por cúmulo de infelicidade, é submetido ao castigo reservado aos desastrados, castigo pelo qual o proprietário do barril velho pensa mascarar sua sordidez.¹⁶

Sobre a origem da utilização do termo “tigres” para denominar aqueles escravos responsáveis pelo transporte do lixo doméstico, há versões que remetem à imagem dos barris que, ao transbordarem, despejavam fezes nos corpos dos escravos, numa combinação de pele negra e dejetos que lembrava a pelagem rajada dos tigres.¹⁷

Essa alteração do conteúdo linguístico conferiu ao termo “tigres” um significado pejorativo que refletia, ao tempo em que reforçava, relações de poder, dominação e hierarquia social. Ilustra, assim, como a interpretação das delimitações conceituais e dos

¹⁶ DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, Volume II. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins, 1965, p. 133-134.

¹⁷ SANTOS, Manuela Arruda dos. *Cuidado com o tigre: o insalubre cotidiano da capital pernambucana nos tempos do Império*. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. Publicado na edição de abril de 2008.

usos da linguagem ganha importância histórica ao contribuir para a compreensão dos conflitos políticos e sociais.¹⁸

O significado de uma palavra é construído a partir de tradições comunitárias, no plano histórico da língua concreta. O sentido, por sua vez, é consolidado no plano individual do discurso e do saber expressivo.¹⁹ Verifica-se, assim, que a designação dos escravos por “tigres” era tanto correta (significado) como adequada (sentido) do ponto de vista da língua portuguesa, à época. Nesse contexto, a história do conceito “tigre”, associada à história social do trabalho escravo com o lixo, materializa a animalização e humilhação do escravo, assim como a destruição progressiva de sua humanidade.²⁰

Em 1891, apenas três anos após a abolição da escravidão, foram registradas pela primeira vez na Língua Portuguesa as palavras “cabungo” e “cabungueiro”:

cabungo *s.m.* (1891 cf. MS) B **1** utensílio de madeira para recolher fezes **2** m.q. PENICO **3** indivíduo sem asseio e trato; cabungueiro **4** pessoa a quem não se deve dar importância; cabungueiro
cabungueiro *adj.s.m.* **1** que ou aquele que transporta ou limpa o cabungo (‘utensílio’) **2** que ou o que não tem asseio; cabungo **3** que ou o que é desprezível; cabungo²¹

Koselleck ensina que “*A batalha semântica para definir, manter ou impor posições políticas e sociais em virtude das definições está presente, sem dúvida, em todas as épocas de crise registradas em fontes escritas.*”²² No momento histórico ora analisado, a crise pode ser vista como a ruptura, ao menos formal, com o regime anterior escravocrata.

O signo utilizado no sentido de “escravo ou criado encarregado do transporte e despejo de matérias fecais” foi paulatinamente substituído por outro signo, com significado diverso. O responsável pelo transporte do lixo deixa gradualmente de ser “tigre”, e passa a ser “cabungueiro”. O sentido pejorativo foi eliminado da utilização da palavra em si, deixando-se de fazer alusão à situação vexatória e humilhante das manchas causadas pelo transbordamento dos baldes carregados pelos escravos. A marginalização social permanece, no entanto, nos significados atribuídos ao termo “cabungueiro”, “*aquele que transporta ou limpa o cabungo*”, “*que é desprezível; cabungo*”; ao passo que

¹⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 103.

¹⁹ BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lucerna, 2009, posições 443 a 472. Arquivo kindle.

²⁰ SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017, p. 74.

²¹ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 547.

²² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 102

a palavra “cabungo” passa a designar “*pessoa a quem não se deve dar importância; cabungueiro*”.

Nesse processo de reconstrução linguística pós-crise, atribuiu-se à mesma palavra um significado referente à atividade exercida pelo indivíduo, e outro significado, de caráter sócio-valorativo. A coexistência desses dois sentidos influencia diretamente a estratificação da hierarquia moral no trabalho e, mais especificamente, o não reconhecimento do trabalho com o lixo.

Trata-se, assim, de verdadeira batalha semântica, por meio da qual, servindo-se de novos conceitos, as classes dominantes inauguram designações da nova estrutura social,²³ perpetuando, no entanto, relações de invisibilidade social, marginalização jurídica e precarização do trabalho humano.

Em um terceiro momento histórico, a desvalorização volta a decorrer da utilização do signo em si:

lixeiro *s.m.* (1913 cf. CF) B 1 empregado público encarregado de recolher o lixo das residências (...).²⁴

O termo “lixeiro”, cujo surgimento, segundo o Dicionário Houaiss, foi em 1913, é até hoje amplamente utilizado na língua portuguesa,²⁵ inclusive em discursos institucionais. O próprio Ministério do Trabalho e Emprego, por meio da Classificação Brasileira de Ocupações (2002), refere-se ao coletor de lixo doméstico como “lixeiro” (Código 5142-05).²⁶

Segundo Marcelo Jasmin, “*Experiências e noções que tratamos como naturais em nossa linguagem ordinária e em nossa convivência cotidiana são construções históricas e sociais socialmente definidas*”²⁷

Independente dos significados atribuídos à palavra “lixeiro”, o processo de derivação sufixal do termo “lixo” evidencia a tendência sociocultural de identificação dos trabalhadores a partir do objeto de seu trabalho, reduzindo aqueles a esse, em uma

²³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 104.

²⁴ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1.774.

²⁵ Como exemplo da consolidação do termo “lixeiro” nos espaços públicos de fala, vide: RAMOS, Saulo. *Juízes e Lixeiros*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz300910.htm>. Acesso em 25/7/2018.

²⁶ Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorEstrutura.jsf>. Acesso em 2/8/2018.

²⁷ JASMIN, Marcelo. “*Futuro(s) presente(s)*”, in NOVAES, Adauto (org.). *Mutações: o futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013, p. 381.

dinâmica que desumaniza e desindividualiza os coletores de lixo, tornando-os facilmente invisíveis e esquecíveis.

Sobre a importância da utilização da terminologia correta, Maria Vany de Oliveira Freitas, em sua tese sobre os catadores de lixo em Belo Horizonte, pontua:

O olhar com ‘mau-olho’ não era tão desconcertante quanto o rótulo de lixeiros porque, embora estivessem ‘misturados com o lixo’, eram trabalhadores e tinham consciência de que estavam ali, buscando ‘dos restos que as outras pessoas jogam fora’, o sustento da família.²⁸

Os empregados públicos responsáveis pela coleta de lixo domiciliar ocupam as funções de coletores, garis, varredoras, encarregados, motoristas, ou qualquer outra nomenclatura que respeite a dignidade desses trabalhadores. Isso porque, embora conceitos sejam criados a partir de relações no campo fático, também são criadores dessas mesmas estruturas. Segundo Koselleck:

embora os conceitos compreendam conteúdos sociais e políticos, a sua função semântica, sua economia não pode ser derivada apenas desses mesmos dados sociais e políticos aos quais se referem. Um conceito não é somente o indicador dos conteúdos compreendidos por ele, é também seu fator. Um conceito abre determinados horizontes, ao mesmo tempo em que atua como limitador das experiências possíveis e das teorias. Por isso a história dos conceitos é capaz de investigar determinados conteúdos não apreensíveis a partir da análise empírica.²⁹

Nesse contexto, as opções terminológicas referentes ao trabalho com o lixo ao mesmo tempo refletem e reforçam uma realidade histórico-social de não reconhecimento, marginalização jurídica e precarização.

Esquecimento e invisibilidade: a negação da existência no tempo passado e da existência no tempo presente.

A abordagem da exclusão social frequentemente limita-se ao viés econômico-ocupacional, influenciada pela tradicional explicação materialista.³⁰ O processo de exclusão social, no entanto, abrange ainda fenômenos culturais como a invisibilidade e o não reconhecimento, redundando na não realização de direitos sociais e de cidadania. Maria Vany Freitas de Oliveira, em sua pesquisa sobre a trajetória dos catadores de lixo em Belo Horizonte, esclarece que:

pobreza, marginalidade e exclusão significam algo mais do que privações materiais, pois o trabalho informal desqualificado, a ocupação incerta, o desemprego e o

²⁸ FREITAS, Maria Vany de Oliveira. *Entre Ruas, Lembranças e Palavras*: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005, p. 165.

²⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 109-110.

³⁰ MACIEL, Fabrício. *Todo trabalho é digno?* In: SOUZA, Jessé (org). *A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira*. Belo Horizonte: UFMF, 2006, p. 286.

subemprego condensam uma malha de preconceitos e estigmas que sedimentam desigualdades intermediadas por uma diversidade de discriminações.³¹

Nesse sentido, um importante pilar da exclusão social e jurídica dos coletores de lixo urbano no Distrito Federal é o fenômeno social da *invisibilidade*. Trata-se de um conjunto de atividades visíveis, mas realizadas por pessoas invisíveis. Caminhões e coletores são vistos por todos, todos os dias, mas por uma série de fatores esses trabalhadores não vêm sendo reconhecidos como destinatários de proteção jurídica.

Dentre os efeitos nefastos da invisibilidade, destacam-se: a) o trabalho invisível é desvalorizado simbólica e materialmente; b) se os empregados não veem valor em seus esforços, ficam menos propensos a organizar-se, buscar apoio junto à opinião pública, ou desafiar suas condições de trabalho por meio do sistema jurídico ou por meio do exercício do direito de resistência; e c) o Estado que não reconhece determinada forma de trabalho não lhe endereçará a devida proteção jurídica.³²

O esquecimento e a invisibilidade são categorias que dialogam entre si, na medida em que ambas configuram a negação da existência. O esquecimento, enquanto “não lembrar”, configura a negação, no tempo presente, da existência passada, ao passo que a invisibilidade, enquanto “não ver”, configura a negação, no tempo presente, da existência presente.

Ambas as formas de não percepção do outro se manifestam no tempo presente, e possuem duas dimensões. A primeira é material, e decorre de impossibilidade fisiológica ou física de perceber a existência do outro. Uma pessoa portadora de deficiência visual, por exemplo, não enxerga os coletores de lixo urbano, assim como não o faz alguém que esteja geograficamente distante desses trabalhadores. Da mesma forma, alguém acometido de Alzheimer pode não se lembrar de determinado acontecimento passado. Há, no entanto, uma dimensão imaterial da negação da existência do outro, de cunho sociopolítico e cultural, e amparada em conceitos simbólicos relacionados à desvalorização pelo mercado capitalista ou ao não reconhecimento social.³³

³¹ FREITAS, Maria Vany de Oliveira. *Entre Ruas, Lembranças e Palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005, p. 103.

³² CHERRY, Miriam A.; CRAIN, Marion; POSTER, Winifred R. *Introduction: conceptualizing invisible labor*. In: CHERRY, Miriam A.; CRAIN, Marion; POSTER, Winifred R. (ed.). *Invisible labor: hidden work in the contemporary world*. Estados Unidos: University of California Press, 2016, p. 5.

³³ Fabrício Maciel salienta que: “O trabalho socialmente desqualificado pode ser identificado tanto na dimensão do trabalho formal, na forma de subemprego quando este é mal remunerado e regido por leis trabalhistas frágeis (quando existem), quanto na dimensão informal (...). A categoria do subemprego pode ser compreendida, assim, tanto na formalidade quanto na informalidade.” MACIEL, Fabrício. *Todo trabalho é digno?* In: SOUZA, Jessé (org). *A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira*. Belo Horizonte: UFMF, 2006, p. 317.

No sentido imaterial, a invisibilidade e o esquecimento resultam na desconstrução do indivíduo enquanto pessoa humana, a partir da relação entre existir socialmente (causa) e ser visto ou lembrado (efeito), cujo ápice reside na consolidação de uma consciência coletiva pré-reflexiva de que quem não existe não é destinatário de proteção jurídica e, portanto, pode ser submetido às condições mais degradantes.

No âmbito do mundo do trabalho, a forma como o trabalho é socialmente compreendido determina qual tipo de atividade é valorizada. Assim, percepções sobre o sentido do trabalho irracionalmente condicionadas são possíveis fatores de construção da invisibilidade e do esquecimento.

Fabrizio Maciel, em seu artigo “*Todo Trabalho é Digno?*”, ressalta que grande parte das ações é pré-reflexiva, motivada por padrões simbólicos de distinção desenvolvidos pelas classes dominantes, os quais são inconscientemente incorporados pelos indivíduos desde o dia em que nascem, levando-os a crer na aparente naturalidade das desigualdades sociais. Decorre daí a hierarquia moral implícita na divisão moderna do trabalho.³⁴

No contexto do capitalismo informacional, marcado pelo processo de globalização e pelo fluxo de capital, o processo de identificação das forças e tendências que impedem a sociedade de reconhecer os coletores de lixo como sujeitos de direitos é complexo. Os fatores de construção da invisibilidade social e do esquecimento perpassam invariavelmente pela dinâmica do capitalismo globalizado e sua influência sobre os padrões de produção e de consumo e, conseqüentemente, sobre as relações de trabalho, sobretudo no que tange à falta de valor atribuído a determinadas atividades.

A liquidez característica da sociedade moderna³⁵ incita a indiferença com o lixo como dimensão do enfoque subjetivo dado às fases do processo de consumo: a da produção, a do consumo e a do descarte. O consumo seria o fim último da satisfação humana, tendo a fase da produção caráter meramente instrumental e sendo a do descarte insignificante sob o ponto de vista da geração de mais-valia.

Além disso, a vida em cidades pressupõe o consumo de mercadorias e aquisição de serviços em um mercado com ligações a pessoas e lugares que permanecem invisíveis e inimagináveis. A existência do bem ou serviço é objetificada, em uma abstração que

³⁴ MACIEL, Fabrício. *Todo trabalho é digno?* In: SOUZA, Jessé (org). *A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira*. Belo Horizonte: UFMF, 2006, p. 288-290.

³⁵ A respeito do tema, conferir: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

compreende a mercadoria como algo trivial e autossuficiente.³⁶ Essa opacidade do processo de trabalho é chamada de reificação, uma forma de fetichismo por meio do qual as capacidades humanas são transformadas em atributos de coisas, de modo que os significados da criatividade humana deixam de ser devidamente compreendidos.³⁷

De outro lado, na cultura ocidental o trabalho é tido como forma de libertação das forças naturais e biológicas. Hannah Arendt expõe a repugnância do indivíduo por tudo aquilo que possui em comum com os demais animais e que o impele à tentativa interminável de se sobrepor às necessidades da natureza em busca dessa “liberdade”.³⁸

Nesse contexto, a autora distingue o “*labor do corpo*”, como o esforço exigido pelas necessidades deste para a manutenção da vida, do “*trabalho das mãos*”, como o processo de fabricação de coisas que, em sua maioria, são objetos destinados ao uso. Toda sua análise sobre o labor fundamenta-se na percepção de que, na consciência coletiva, “*o labor do nosso corpo, exigido pelas necessidades deste último, é servil.*”³⁹

A teoria proposta pela autora no sentido de um desprezo social pelo “labor do corpo” permite a compreensão da escravidão como tentativa de excluir da condição humana a realização de tarefas voltadas à satisfação das necessidades de sobrevivência e reprodução. Ao mesmo tempo, a ideia de que não compeza ao ser humano lidar com os resquícios de seu consumo ou de sua própria existência física (dentre os quais se destaca o lixo por ele produzido), desanuvia uma das dimensões da invisibilidade dos coletores de lixo urbano.

No Distrito Federal, a desvalorização simbólica do trabalho com o lixo também se manifesta como política de esquecimento estrutural em locais de memória. Em 1996, foi inaugurado o Museu da Limpeza Urbana, localizado na Usina de Compostagem do Sol Nascente, no Distrito Federal. O acervo conta com objetos encontrados no lixo pelos trabalhadores, tais como bonecos, bichos de pelúcia e aparelhos eletrônicos, bem como peças produzidas por garis durante oficina realizada por professora e estudantes do curso de Artes da UnB. São expostos ainda quadros com fotos da usina, da lagoa de chorume e de lixões informais, bem como um uniforme de trabalho fornecido pelo Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal - SLU.⁴⁰

³⁶ CONNERTON, Paul. *Temporalities of forgetting*, in *How Modernity forgets*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 42.

³⁷ CONNERTON, Paul. *Temporalities of forgetting*, in *How Modernity forgets*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 43.

³⁸ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense, p. 91.

³⁹ *Idem*.

⁴⁰ Informações coletadas durante visita ao local, em 1º/8/2018.

No entanto, o trabalho dos coletores de lixo, mais importante força de produção do serviço de limpeza urbana, não é objeto de conservação, investigação, difusão ou exposição pelo Museu.⁴¹ A opção pelo esquecimento desses trabalhadores, enquanto agentes na prestação do serviço público consagrado por aquele local de memória, diz muito sobre as agendas políticas e sociais que estimulam as chaves da memória para o lembrar e o esquecer.⁴²

Paul Connerton afirma que, embora o mundo moderno seja o produto de um grande processo de trabalho, a primeira coisa a ser esquecida é o próprio processo de trabalho.⁴³ Esse esquecimento, efetivado por meio de diferentes formas e práticas,⁴⁴ reflete os mesmos padrões pré-reflexivos de desvalorização do trabalho com o lixo que, segundo mencionado anteriormente, resultam na instrumentalização e invisibilidade dos trabalhadores que prestam esse serviço público.

Conclusão

O estudo da história do passado recente é importante instrumento no aprofundamento da compreensão da precarização do trabalho na coleta de lixo urbano no tempo presente. Considerando-se o papel histórico estruturante da escravidão nas relações contemporâneas de trabalho, faz-se necessária uma análise desse período escravista como chave de compreensão do mundo do trabalho na contemporaneidade.

Nesse contexto, a história dos conceitos possui papel instrumental na construção da história material. A partir da análise das mutações linguísticas dos verbetes “tigre”, “cabungueiro” e “lixeiro”, verifica-se que os trabalhadores com o lixo vêm ocupando posições sociais de marginalização, humilhação e invisibilização durante o passado recente.

A pesquisa de campo realizada no Museu da Limpeza Urbana no Distrito Federal ilustra a ideia de que a profusão de memoriais e museus característica da

⁴¹ O Conselho Internacional de Museus - ICOM define: “*A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.*” A respeito do tema, conferir: <https://icom.museum/en/activities/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em 4/8/2018.

⁴² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 243.

⁴³ CONNERTON, Paul. *Temporalities of forgetting, in How Modernity forgets*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 40.

⁴⁴ HARTOG, François. “*What is the Role of the Historian in an Increasingly Presentist World?*”, in HARLAFTIS, Gelina. KARAPIDAKIS, Nikos. SBONIAS, Kostas. VAIPOULOS, Vaios (ed.). *The New Ways of History – Developments in Historiography*. London and New York: Tauris Academic Studies, 2010, p. 243.

contemporaneidade remete mais à representação do passado do que à compreensão dele. Esses são locais onde as pessoas revivem ou ressuscitam determinadas memórias, usando técnicas de presentificação ou de um passado afetivo. É importante, no entanto, que a revisitação do passado seja vinculada às demandas e exigências de um tempo presente, buscando-se naquele tempo pretérito referências para imaginar o mundo atual. As formas contemporâneas do passado nos remete, certamente, a um outro problema fundamental, que diz respeito aos usos políticos do passado.⁴⁵

Manoel Luiz, complementando Calvino, afirma que só teremos algum futuro se, além de quisermos e fizermos um presente, também formos capazes de reinventarmos constantemente nosso passados.⁴⁶

Assim, a afirmação da dignidade dos coletores de lixo urbano pressupõe a ruptura com padrões linguísticos que reforçam e alimentam uma cultura de instrumentalização, mercantilização e desvalorização do trabalho humano. Essa reconstrução da língua portuguesa é uma das frentes na luta por reconhecimento social e proteção jurídica. Urge adotar a terminologia adequada e digna para denominar as diversas formas de trabalho humano, uma vez que a linguagem, como índice das mutações sociais em curso, é também uma arma imprescindível contra os próprios fatores que dão origem a essas mesmas mudanças.⁴⁷

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *A Política*.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lucerna, 2009.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. *Lixo: um grave problema no mundo moderno*. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/secex_consumo/_arquivos/8%20-%20mcs_lixo.pdf.

CASTRO, Joicy Marina de; OLIVEIRA, Ana Paula Slovinski de; ZANDONADI, Francianne Baroni. *Avaliação dos Riscos Ocupacionais entre Trabalhadores da Coleta de*

⁴⁵ GUIMARÃES, Manoel Luíz Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*, in ABREU, Martha de. SOIHET, Rachel. GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 39.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ JASMIN, Marcelo. “Futuro(s) presente(s)”, in NOVAES, Adauto (org.). *Mutações: o futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013, p. 396.

Resíduos Sólidos Domiciliares da Cidade de Sinop – MT – um estudo de caso Disponível em: <http://www.segurancanotrabalho.eng.br/artigos/ressol.pdf>.

CHERRY, Miriam A.; CRAIN, Marion; POSTER, Winifred R. *Introduction: conceptualizing invisible labor*. In: CHERRY, Miriam A.; CRAIN, Marion; POSTER, Winifred R. (ed.). *Invisible labor: hidden work in the contemporary world*. Estados Unidos: University of California Press, 2016.

CONNERTON, Paul. “Temporalities of forgetting”. In: *How Modernity forgets*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, Volume II. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins, 1965.

ELEY, Geoff. *The Past Under Erasure? History, Memory, and the Contemporary*. *Journal of Contemporary History*, 46.

FREITAS, Maria Vany de Oliveira. *Entre Ruas, Lembranças e Palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

GUIMARÃES, Manoel Luíz Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*. In: ABREU, Martha de; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HARTOG, François. *What is the Role of the Historian in an Increasingly Presentist World?* In: HARLAFTIS, Gelina; KARAPIDAKIS, Nikos; SBONIAS, Kostas. VAIPOULOS, Vaïos (ed.). *The New Ways of History – Developments in Historiography*. London and New York: Tauris Academic Studies, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JASMIN, Marcelo. *Futuro(s) presente(s)*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Mutações: o futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MACIEL, Fabrício. *Todo trabalho é digno?* In: SOUZA, Jessé (org.). *A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira*. Belo Horizonte: UFMF, 2006.

OSBORNE, Peter. *Global Modernity and the Contemporary: Two Categories of the Philosophy of Historical Time*. In: LORENZ, Chris. BEVERNAGE, Berber (ed.).

Breaking up Time – Negotiating the Borders between Present, Past and Future. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.

PRIORE, Mary del; VENANCIO, Renato. *Uma Breve História do Brasil.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. Arquivo Kindle.

SANTOS, Manuela Arruda dos. *Cuidado com o tigre: o insalubre cotidiano da capital pernambucana nos tempos do Império.* Ed. 4/2008. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, 2008.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato.* Rio de Janeiro: Leya, 2017.